

**CORPOS E ALMAS NA MODERNIDADE LITERÁRIA:
DE DAVID MOURÃO-FERREIRA A VASCO GRAÇA MOURA,
DE RUY BELO A NUNO JÚDICE**

Responsável: Prof. Doutor José Carlos Seabra Pereira

Horário: 2ª. Feira, das 10h00 às 12h00

Início: 11 de outubro de 2021

PROGRAMA:

1. Eros e Tempo na «ilha» e no «templo» de David Mourão-Ferreira. Implicações psicanalíticas e histórico-culturais na *Arte de Amar*; o desejo e a ternura do *Corpo Iluminado*; a sugestão ascensional na comunhão amorosa; os arquétipos no lirismo de *Os Quatro Cantos do Tempo* e na novelística de *As Quatro Estações*; a sabedoria dos reflexos entre *Um Amor Feliz* e *Jogo de Espelhos*; a preservação íntima da espiritualidade sob o signo da natividade de Jesus.
2. A exuberante e trabalhada obra lírica de Vasco Graça Moura, atenta à densidade da linguagem na exploração versátil dos registos narrativos e descritivos, coloquiais e eruditos, e incorporadora do circunstancial com seus *Rostos Comunicantes*. A hipertrofia do eu por entre virtuosismos lúdicos e as «figuras» intertextuais e efrásticas do «nó cego» existencial. O poder reflexivo do discurso poético e suas modulações na ficção narrativa (*Naufrágio de Sepúlveda* e outros disfarces irónicos da melancolia e da culpa amorosa).
3. Ruy Belo e seu modelo da forma distendida na nova sensibilização dos materiais entre o quotidiano e o intemporal: da «aventura mística» à «aventura de linguagem» sob o signo da relação problemática com um *Deus absconditus et otiosus*. A larga «Narração», em estilo dialógico, de *O Problema da Habitação* no desconcerto do mundo; o inconformismo ético e social na busca de uma sabedoria trágica.
4. A «tradição do êxtase» sob a intencionalidade retórica e o construtivismo associativo na poesia de Nuno Júdice. A «hipótese» de «embriaguez da luz» numa «floresta de ideias», desde *A Noção do Poema* (1972) até *O Coro da Desordem* (2019), e a reminiscência do «impulso divino» através da *Meditação sobre Ruínas*. O cepticismo metaliterário da narrativa de Nuno Júdice perante a corrosão dos «alicerces da utopia» (de *Plâncton* até *A Implosão*); do envolvimento onírico à auto-ficção da novela culturalista (*A Conspiração Cellamare*).